

1.3.A Dimensão Discursiva do Trabalho Filosófico

1.3.1. Os Instrumentos do Trabalho Discursivo

a) O trabalho filosófico

Disse-se atrás que **mais importante do que a filosofia é o filosofar**, o **trabalho** que consiste numa **actividade crítica, reflexiva**, uma modalidade de pensamento que consiste na **procura de sentido**, na busca de **significação da realidade** e da **existência** humana e da respectiva **fundamentação**.

Disse-se já também que o **filosofar** (o **trabalho filosófico**) é, em grande parte, um processo argumentativo, desde logo ao nível da **reflexão pessoal** (trabalho interior de **ponderação** de **razões a favor** e de **razões contra** uma tese), de forma mais explícita, entretanto, durante os **debates filosóficos**.

Num caso como no outro, o filosofar apresenta-se como uma actividade que consiste em:

- **identificar problemas** a propósito da experiência humana e submetê-los a exame;
- em **elaborar conceitos** interpretativos dessa mesma experiência;
- em **formular teses** (como respostas aos problemas);
- em **apresentar argumentos** (que apoiem essas teses e refutem eventuais contra-argumentos).

Poder-se-á dizer então que a actividade filosófica consiste em:

- **problematizar** (formulando problemas que levem o trabalho do pensamento para lá da significação imediata e ingénua);
- **conceptualizar** (elaborando conceitos por cujo intermédio se possa configurar a realidade e a experiência vivida);
- **argumentar** (organizando as proposições em termos de articulação lógica das teses propostas com as proposições que lhes servem de justificação).

b) O trabalho filosófico como trabalho discursivo

O **trabalho filosófico** tem assim um carácter eminentemente discursivo.

Desde logo, enquanto **reflexão**, a actividade filosófica é um **discorrer**, uma actividade que consiste em **estabelecer relações**.

Tem **carácter discursivo** toda a operação do pensamento que atinge o seu objectivo passando por um conjunto de operações parciais intermédias.

Por outro lado, aquele **discorrer do pensamento** (a discursividade filosófica) materializa-se (exterioriza-se) na e através da **linguagem** (no discurso oral e no discurso escrito).

O **discurso** (oral/escrito) é a **expressão do pensamento** (conceitos, juízos/proposições, raciocínios/argumentos) sob a forma de **sequências linguísticas** (frases declarativas) **gramaticalmente ordenadas**.

c) **Os Instrumentos lógicos do pensamento discursivo**

De um ponto de vista lógico, um discurso é um conjunto coerente de raciocínios (argumentos), cada um deles formado por uma cadeia lógica de juízos (proposições), e orientado para a **defesa** (ou **refutação**) de uma determinada **tese**.

Os instrumentos lógicos do **pensamento discursivo** são assim:

- **Conceitos;**
- **Juízos;**
- **Raciocínios.**

C.1. **Conceitos**

O **conceito** (diferente da imagem disto ou daquilo) é a **representação mental**, uma construção **abstracta e geral**, que reúne os **traços comuns** a um conjunto de entidades de uma mesma classe e que as distinguem das entidades de uma outra classe qualquer.

Um **conceito** é uma **construção mental** elaborada por **abstracção** a partir dos dados da experiência e que serve para identificar uma classe de objectos.

Sob o **conceito** são retidas as **características comuns** aos **objectos** de uma dada **classe de objectos**.

Os conceitos formam-se por **abstracção/generalização** a partir das coisas, constituindo-se como **unidade elementar da operatividade do pensamento**.

Na análise dos conceitos podemos distinguir dois aspectos:

- A **extensão** – o conjunto dos objectos que o conceito designa, o seu **domínio de aplicação**.
- A **compreensão** – o conjunto das propriedades contidas no conceito e que são comuns a todos os objectos que formam a sua extensão.
 - **Definir um conceito** é fazer a **análise da sua compreensão**.

A **compreensão e a extensão do conceito variam em sentido inverso**: quanto maior é a extensão do conceito, menor é a sua compreensão e vice-versa.

O **conceito** é o instrumento mental pelo qual pensamos um conjunto de propriedades (formando a sua compreensão) enquanto realizadas num conjunto de objectos (que constituem a sua extensão).

c.2. Juízos

Os conceitos relacionam-se logicamente entre si através dos juízos. Assim, um juízo é um acto mental pelo qual se **afirma ou nega uma relação entre dois conceitos**. Dito de outro modo: um **juízo afirma ou nega um atributo** (ou predicado) **acerca de um sujeito**.

Os componentes do juízo são assim o **sujeito** (acerca do qual se afirma ou nega um atributo ou predicado), o atributo ou **predicado** (que se afirma ou nega acerca do sujeito) e a **cópula** (normalmente o verbo ser) que exprime a relação de conveniência (ou não conveniência) do predicado em relação ao sujeito.

O juízo é a **operação mental** que estabelece uma **relação lógica** (de afirmação ou de negação da conveniência) **entre conceitos**, podendo tal **relação lógica** ser considerada **verdadeira** ou **falsa**.

c.2.1. Classificação dos juízos

Os juízos podem ser classificados a partir de diferentes pontos de vista. Para o que nos interessa aqui, os juízos podem ser classificados do ponto de vista da quantidade e do ponto de vista da qualidade:

Ponto de vista da quantidade (ou da extensão):

- **Juízos universais** – quando o respectivo sujeito é tomado universalmente (quando o atributo ou predicado é afirmado de toda a extensão do sujeito);
- **Juízos particulares** – quando o sujeito é tomado particularmente (quando o atributo é afirmado ou negado apenas de uma parte da extensão do sujeito).

Ponto de vista da qualidade:

- Juízos afirmativos – quando o atributo é afirmado acerca do sujeito;
- Juízos negativos – quando o atributo é negado acerca do sujeito.

Combinando os pontos de vista da quantidade e da qualidade, teremos:

- Juízos universais afirmativos;
- Juízos universais negativos;
- Juízos particulares afirmativos;
- Juízos particulares negativos.

c.2.2. Proposições

O resultado do juízo, enquanto acto mental, é a **proposição**.

A **proposição** é o pensamento que uma frase declarativa exprime literalmente; ou, dito de outro modo, **proposição** é o que é afirmado ou negado numa frase declarativa.

Temos assim:

- O **juízo**, acto mental que estabelece uma relação lógica entre conceitos;
- A **proposição** é o resultado do juízo
- A **frase declarativa**, expressão verbal do resultado do juízo, a proposição

Uma frase é uma sequência de palavras gramaticalmente ordenadas, exprimindo uma afirmação, uma pergunta, uma ordem, um desejo, etc.

Nem todas as frases são frases declarativas; uma **frase é declarativa** quando afirma ou nega alguma coisa. Por exemplo:

“Há vida noutros planetas além da terra”;

“O nada só gosta de pipocas à segunda-feira”.

Uma proposição exprime-se através de uma frase declarativa; mas nem todas as frases declarativas exprimem proposições. Uma **frase declarativa** exprime uma **proposição** quando a frase tem um **valor de verdade**, quer dizer, quando ela pode ser dita verdadeira ou falsa.

Consideremos os dois exemplos anteriores:

- a primeira frase (“há vida noutros planetas além da terra”) é **uma frase declarativa e exprime uma proposição** (pode ser dita verdadeira ou falsa);
- a segunda frase (“o nada só gosta de pipocas à segunda-feira”) é **uma frase declarativa mas não exprime uma proposição** (porque não exprime um **valor de verdade**; porque não pode ser dita verdadeira ou falsa – é simplesmente uma frase sem sentido, por não ter um referente).

NOTA: Uma frase declarativa exprime uma proposição quando tem um valor de verdade, quer dizer, quando, independentemente da sua efectiva verdade ou falsidade, sabemos que ela tem de assumir um de dois valores lógicos: o verdadeiro ou o falso.

c.3. Argumentos

O terceiro tipo de elementos a considerar entre os instrumentos lógicos do discurso é o **raciocínio** ou **argumento**.

Argumento é uma sequência de proposições organizadas de tal modo que a **conclusão** a que chegamos tem por base outra ou outras proposições a que chamamos **premissas**¹.

- **Premissas** são afirmações/proposições que fundamentam ou justificam a conclusão.
- **Conclusão** é uma afirmação/proposição que é justificada pelas **premissas**.

Argumentar é **justificar, fundamentar**, apresentar “razões”, quer dizer, **premissas** que dão **apoio** a uma tese.

Uma coisa é apresentar “ideias”, propor teses; outra coisa é apresentar “razões” a seu favor, “razões” que as justifiquem.

Argumentar é apresentar “razões”, justificações, argumentos a favor de uma tese que pretendemos fazer aceitar por alguém. E, por isso, argumentar é entrar em diálogo com alguém a quem pretendemos convencer.

Quando argumentamos, estamos a apresentar aos outros as “razões” por que pensamos o que pensamos e estamos a convidá-los a discutir as nossas razões.

Se as razões que temos para sustentar o que pensamos não resistem à discussão, tal significa que não têm justificação suficiente e devem ser abandonadas.

c.3.2. O que é um bom argumento?

Se os argumentos servem para tentar convencer alguém, tal deve fazer-se com **bons argumentos**.

O que é um bom argumento? Em termos gerais, é **um argumento cujas premissas justificam, defendem, a conclusão**. Mas o que isto significa depende do tipo de argumento considerado.

- Um **argumento bom** é, antes de mais, um **argumento válido**. E por **argumento válido** entende-se um argumento em que **é impossível** (ou muito improvável) **que, se as suas premissas forem verdadeiras, a conclusão seja falsa**².

Um **argumento válido** é tal que a conclusão é uma consequência das premissas. Um tal argumento, partindo de **premissas admitidas** (hipoteticamente) **como verdadeiras**, conduz a uma **conclusão verdadeira**.

¹ Ver Manual, p 20.

² A questão da validade dos argumentos será tratada mais aprofundadamente no 11º ano.

Note-se que a **validade do argumento** (questão de forma lógica) é **independente da verdade das premissas**: o argumento pode ser (formalmente) válido, apesar das suas premissas e a sua conclusão serem falsas, como pode ser (formalmente) inválido, ainda que as premissas e a conclusão sejam verdadeiras.

Repare-se na diferença entre validade (de um argumento) e verdade das proposições (premissas e conclusão)

Mas, para que um argumento seja bom, não basta que ele seja válido. A **validade é condição necessária**, mas não é **condição suficiente**, para que um argumento seja bom.

Um bom argumento é aquele que, além da **relação lógica entre premissas e conclusão** (questão de validade), parte de **premissas verdadeiras**, caso em que a conclusão será também verdadeira.

É **logicamente impossível** (ou, pelo menos, pouco provável) que um **argumento** que seja **válido** e parta de **premissas verdadeiras** tenha uma **conclusão falsa**.

Um argumento nestas condições (válido e com premissas verdadeiras – logo com conclusão verdadeira) chama-se **argumento sólido** (se for um argumento dedutivo) ou um argumento forte (se for um argumento indutivo).

Em síntese:

- Um **argumento válido** é aquele em que:
 - A conclusão é a consequência das premissas;
 - É impossível (ou improvável) que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa.

- Um **argumento válido com premissas, de facto, verdadeiras é um bom argumento**.
 - Um argumento válido com pelo menos uma premissa falsa não é um bom argumento (a conclusão até pode ser verdadeira; mas tal acontece por acaso, não como consequência das premissas).

- Um **argumento não válido** é aquele cuja conclusão não é apoiada pelas premissas.
- Um bom argumento é um argumento válido e com premissas verdadeiras.
- Um mau argumento é:
 - Um argumento válido, mas com pelo menos uma premissa de facto falsa;
 - ou
 - Um argumento inválido, ainda que com todas as premissas verdadeiras.